

Das ruínas às curas

From ruins to healing

De las ruinas a la curación

Deanny Stacy Sousa Lemos¹

Resumo: O presente trabalho se desenvolve no Território Taquarítua, com o povo Akroá-Gamella, indígenas Jê que povoam a região da Baixada Maranhense, no estado do Maranhão. O povo Akroá-Gamella marca sua presença no estado maranhense desde 1713 e no atual território desde 1749, mas, após longos séculos de invasões, grilagem e fraudes cartoriais, a extensão que possuíam de 14 mil hectares diminuiu de forma significativa, e hoje ocupam apenas 530 hectares. Após anos de um momento que descrevem como a fase em que “viviam debaixo da pedra colocada pelo Estado”, em 2010 retomam as articulações coletivas e, a partir desse ano, realizam assembleias públicas de autodeclaração e começam as recuperações de áreas que estavam sob posse de não indígenas. Os espaços que sofriam com a devastadora interferência de fazendeiros e empresários são marcados pela cura da terra. Grande parte das antigas fazendas vai sendo consumida pelas plantas, e toda e qualquer imagem que assemelhe aquele espaço ao antigo fazendeiro vai sendo destruída, entrando em ruínas e assumindo a característica dos verdadeiros donos das paisagens: os seres encantados. Nesse processo, as relações com as plantas ficam marcadas, pois relacionam constantemente a permanência das plantas em alguns espaços com a cicatrização dessa terra, que foi afetada e desencantada. O ressurgimento da mata nativa, das ervas e flores que nunca foram plantadas em algumas lagoas simboliza o espaço que está se recuperando dessas interferências.

Palavras-chave: akroá-gamella; cura; seres visíveis e invisíveis; retomada.

Abstract: The present work is developed in the Taquarítua Territory, with the Akroá-gamella people, indigenous Jê who populate the region of the Baixada Maranhense in the state of Maranhão. The Akroá-Gamella people mark their presence in the state of Maranhão since 1713 and in the current territory since 1749, but after long centuries of invasions, land grabbing and land fraud, the extension they had of 14,000 hectares decreased significantly their traditional territory, and today occupy only 530 hectares. After years of a moment that describe as the phase that “lived under the stone laid by the state”, in 2010 resumed collective articulations and from that year held public assemblies of self-declaration and began the recoveries of areas that were in possession of non-indigenous. The spaces that suffered from the devastating interference of farmers and entrepreneurs are marked by the healing of the land, much of the old farms are being consumed by plants, any image that resembles that space with former farmer is being destroyed, They enter in ruins and assume characteristic of the true owners of the landscapes, the enchanted beings. In this process the relationships with plants are marked, because they constantly relate the permanence of plants in some spaces with the healing of this land was affected and disenchanting. The resurgence of native forest, herbs and flowers that have never been planted in some ponds, such as the space that is recovering from these interferences.

Keywords: akroá-gamella; cure; visible and invisible beings; resumption.

¹ Doutoranda em Antropologia Social pelo Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Resumen: El presente trabajo se desarrolla en el Territorio Taquarítua, con el pueblo akroá-gamella, indígenas Jê que pueblan la región de la Baixada Maranhense en el estado de Maranhão. El pueblo Akroá-Gamella marca su presencia en el estado maranhense desde 1713 y en el actual territorio desde 1749, pero después de largos siglos de invasiones, grilagem y fraudes cartoriales, la extensión que poseían de 14 mil hectáreas disminuyó de forma significativa su territorio tradicional, y hoy sólo ocupan 530 hectáreas. Después de años de un momento que describen como la fase que “vivían bajo la piedra colocada por el estado”, en 2010 retoman las articulaciones colectivas y a partir de ese año realizan asambleas públicas de autodeclaración y comienzan las recuperaciones de áreas que estaban bajo posesión de no indígenas. Los espacios que sufrían con la devastadora interferencia de agricultores y empresarios están marcados por la de curación de la tierra, gran parte de las antiguas haciendas van siendo consumidas por las plantas, toda y cualquier imagen que asemeja aquel espacio con antiguo hacendado va siendo destruida, entran en ruinas y asume característica de los verdaderos dueños de los paisajes, los seres encantados. En ese proceso las relaciones con las plantas quedan marcadas, pues relacionan constantemente la permanencia de las plantas en algunos espacios con la cicatrización de esa tierra fue afectada y desencantada. El resurgimiento de la selva nativa, de las hierbas y flores que nunca fueron plantadas en algunas lagunas, como el espacio que se está recuperando de esas interferencias.

Palabras clave: akroá-gamella; cura; seres visibles e invisibles; reanudación.

Introdução

Este trabalho floresce a partir de reflexões sobre os processos de cura das paisagens realizados após anos de invasão e catastróficas interferências promovidas por não indígenas na terra. Todas as análises aqui apresentadas se baseiam no contraste entre as paisagens que observei em 2018 e 2023. Destaco esse período porque o território é um ser em constante movimento e construção coletiva. Hoje, inclusive, o espaço que serve como ponto de partida para esta reflexão é utilizado para atendimentos em consultas coletivas no território. Antes de aprofundarmos a proposta deste trabalho, desejo apresentar o Território Taquaritiua e explicar como passamos das ruínas para áreas curadas, onde circula o encantamento, ou seja, a vida.

O Território Taquaritiua é habitado pelos Akroá-Gamella, indígenas Jê, que vivem na Baixada Maranhense, entre os municípios de Matinha, Viana e Penalva, no estado do Maranhão. A paisagem é marcada por grandes palmeiras nativas, baixões que formam lagoas no período chuvoso, além de inúmeros igarapés e rios. O território originalmente compreendia 14 mil hectares, mas

atualmente, as aldeias Santeiro, Centro do Antero, Taquaritiua, Cajueiro-Piraí, Nova Vila, Tabocal e Tabareuzinho abrigam mais de 700 famílias em uma área de pouco mais de 530 hectares, devido às invasões e grilagens de terra.

A presença histórica e ancestral desse povo na região data de 1713. Anteriormente, eles habitavam entre os rios Mearim e Pindaré, uma área significativamente maior do que a doada pela Coroa Portuguesa em 1759 através da Carta Régia das Sesmarias, que concedeu cerca de 10 mil hectares de terras, então conhecidas como “Terra dos Índios” (PAULA ANDRADE, 1999; LEMOS, 2021). Ao longo dos anos, o território sofreu invasões, grilagem e vendas desenfreadas. Após uma averbação na certidão de posse do território, em 16 de abril de 1967, a titularidade foi alterada nominalmente. A partir dessa data, diversas fraudes cartoriais visaram adulterar os documentos, tornando frequente a venda e compra irregular de terras, como relata Paula Andrade (1999, p. 155): “as transações de compra e venda das terras são realizadas mediante a troca de assinatura [...] envolvendo a participação de autoridades locais, o que lhes confere uma aparência de legalidade”. Um exemplo dessa complexa situação é dado por Dona Lili, que em 2018 descobriu que sua casa possuía mais de um documento de posse registrado em cartório. Há muitos casos de documentos fraudados que sobrepõem as terras, fazendo com que um mesmo terreno tenha mais de um “dono”.

A fragmentação do território se intensificou com a promulgação da Lei 2.979, de 17 de junho de 1969, conhecida pelos movimentos sociais maranhenses como “Lei de Terras Sarney”. A lei, que visava modernizar o setor agrário no estado, resultou na venda em leilão de terras públicas para grandes latifundiários (LEMOS, 201). Embora a lei estipulasse que “não serão alienadas nem concedidas terras a quem for proprietário no Estado, cuja área ou áreas de sua posse, ou domínio, não sejam devidamente utilizadas com explorações de natureza agropecuária, extrativa ou industrial” (MARANHÃO, 1969), na prática, houve um agravamento dos conflitos agrários na

década de 1970. A região também foi visada por empreendimento estatais ou de iniciativa privada e o Estado se torna presente na região com projetos de titulação e desenvolvimento econômico promovidos pelo Instituto de Colonização e Terras do Maranhão (ITERMA) e Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), levando vários indígenas a cadastrarem suas áreas no órgão fundiário regulador, de modo a garantir a proteção individual de suas casas, bem como, a certificação de um quilombo no território indígena.

Ao longo desses anos, o território sofreu diversos ataques que consumiam incessantemente a terra, uma máquina de destruição que tinha como armas, as políticas estatais ou da iniciativa privada de “modernização e projetos econômicos”. Bem como os recorrentes ataques do governo maranhense ao tentar vincular a antiga “Terra dos Índios” a um espaço apenas de “descendentes” e não mais à presença indígena na região. Promovendo o total apagamento da identidade akroá-gamella. Desta forma, intensificou a falsificação dos documentos de posse das terras, assim aumentando a venda e compra de lotes. Esses ataques resultaram em um aumento nas fraudes cartoriais e na venda de lotes, afetando especialmente locais sagrados para os Akroá-Gamella, que, à época, descreveram esse período como se estivessem “debaixo da pedra colocada pelo Estado”.

Foram décadas difíceis, com ataques constantes à terra e à vida dos seres que habitam o território. No entanto, em vez de serem apagados, os Akroá-Gamella usaram esse momento para se fortalecer e, como dizem, “ressurgir enquanto povo”. Foi um período de criação de estratégias, em que o recolhimento não significou a cessação da luta, nem o esquecimento da identidade Akroá-Gamella. Os mais velhos, com sabedoria, mantiveram viva a chama da resistência, transmitindo práticas culturais e sobrevivendo aos ataques racistas, à negação da identidade indígena e às ameaças de expropriação.

Imagem 1: Área das antigas retomadas, Aldeia Tabocal



Fonte: Deanny Lemos, 2024.

O recolhimento dos Akroá-Gamella me lembra o pensamento do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN), que entende a luta como uma experiência autônoma de resistência e rebeldia, onde “lento, pero avanzo”. A luta pela defesa do território é longa, e o recolhimento foi uma pausa no enfrentamento direto à venda de terras, mas lentamente avançaram, iniciando em 2010 a mobilização coletiva para autodeclaração e a construção ativa do território — tema que será discutido em detalhes nos próximos tópicos.

A retomada dos seres

Início este tópico relembrando minha ida ao território após o período que os Akroá-Gamella chamam de “retirada da pedra colocada pelo estado”. Esse momento marcou profundamente minha memória, especialmente pelos espaços retomados e como, ao longo de quase sete anos, o processo de restauração desses locais foi acontecendo. Muito do que discuto sobre as retomadas territoriais nasce das vivências que tive no Território Taquaritiua em 2018. Essa experiência foi particularmente significativa, pois, em fevereiro de 2018, estive em uma área de retomada conhecida como Piraí, localizada na atual aldeia Cajueiro-Piraí. Essa aldeia surgiu a partir de retomadas

ocorridas entre 2015 e 2016. Além disso, minha ida ocorreu poucos meses após o massacre de 30 de abril de 2017, cujas cicatrizes, profundas e visíveis, eram tema recorrente nas conversas em Pirai, onde se discutia as ações de retomada, as tentativas de massacre, as ameaças, e a necessidade de retomar esses espaços para garantir a liberdade de todos os seres que habitam o território.

Entre 2018 e 2023, retornei ao território diversas vezes e observei a transformação da paisagem, que se apresentava como um reencantamento (ARRUTI, 1996) de uma terra antes marcada pelo desencantamento provocado pelo esbulho territorial. A presença de não indígenas, o gado, a derrubada massiva da vegetação nativa e as intervenções nos rios causaram enormes impactos nos lugares sagrados, alterando a “indigeneidade” da paisagem (BALÉE, 2008). Durante minhas visitas, alguns locais marcaram profundamente minha memória, como áreas onde plantas e outros seres recuperavam lentamente espaços que antes haviam sido danificados. Um exemplo são as retomadas, onde a paisagem desses locais foi transformada com o retorno das plantas, dos animais e do rio, que voltou a ter as plantas em suas margens como parte de sua trama. O reencantamento se manifestava nesses lugares, que haviam sido deixados em ruínas pelos não indígenas.

Minha inspiração para essa jornada reflexiva e documental floresceu a partir das vívidas imagens que permanecem em minha memória desde a minha última ida ao Território Taquaritiua, na qual me deparei com áreas que haviam sido retomadas, e que se contrastavam com as lembranças de sua condição por volta de 2016. Ano em que se iniciou a retomada dessas fazendas e, por conseguinte, do processo que nomeio como ‘cura da terra’, resultando em uma significativa colisão visual e sensorial: em uma antiga fazenda, as paredes de uma casa, antes robustas, estavam sendo consumidas pelo tempo, enquanto o chão de cerâmica já não podia mais ser visto. Em contraste, as plantas retomaram o domínio do local, tecendo uma narrativa que transcende a simples descrição e me faz refletir sobre a passagem das ruínas à cura.



Fonte: Deanny Lemos, 2024.

Essa breve descrição não captura a profundidade e a riqueza do significado que cada planta ou ser naquele espaço representa. Trepadeiras tomaram as paredes, enquanto as folhas secas das mangueiras eram arrastadas pelo vento, cobrindo completamente o piso da casa. De alguma forma, aquela antiga casa, que por anos simbolizou o poder esmagador da colonialidade, estava sendo engolida pelas plantas. Toda e qualquer imagem de uma paisagem deixada em ruínas pelo antigo fazendeiro estava sendo apagada. Com o retorno das plantas à fazenda, ficava claro que o espaço em ruínas estava sendo curado e reencantado, assim como as demais áreas retomadas. A presença de seres visíveis e invisíveis transformava antigas paisagens devastadas em espaços curados, livres dos males que adoeceram a terra. A mão da colonialidade que transforma paisagens, humanos e não-humanos, em comercializáveis, todos passíveis da mão do capitalismo que sacrifica mundos e seres em nome do progresso (TSING, 2018; 2022). Arrastando todos a marcharem na sua tempo-

ralidade, aprisionando-os em uma estrutura imaginativa que define o que é progresso, convertendo o território em uma paisagem destruída por empreendimentos privados e estatais, transformando lugares sagrados e intocáveis em recursos, adoecendo e desencantando a terra.



Fonte: Deanny Lemos, 2024.

A cura surgiu gradualmente após as retomadas. As roças coletivas, a regeneração da mata e a restauração das paisagens sinalizavam a cura, ou seja, o reencantamento de um território que estava em ruínas devido às vertiginosas mudanças causadas pelos não indígenas (ARRUTI, 1996). As vegetações pioneiras — plantas rasteiras e de pequeno porte que surgem após a devastação — demarcam a transição de um local destruído para o renascimento da vegetação secundária e, posteriormente, da vegetação nativa. Mesmo que, para muitos, as vegetações pioneiras representem uma área degradada ou de pouco valor, no território elas marcam o início da reconstrução e do reencantamento da terra.

“Mandei tocar taboca, fazer chamada, vamos guerrear”

“A impressão que dá é que eu sobrevivi de novo, tô livre, parece assim, que eu tava era presa numa gaiola, numa jaula, num cofo, numa lata, sei lá, qualquer coisa desse tipo. Onde não podia...onde não tinha liberdade de andar no mato livre, nem respirar. É isso que eu imagino pra mim esse processo que nós estamos vivendo agora, pra mim é isso:

liberdade. Com o efeito de que surge mais força, que renove a nossa esperança cada dia mais” (Pjicre Akroá-Gamella durante uma fala feita para reportagem do El País em 24 de janeiro de 2017).

A fala de Pjicre transcreve com detalhes os sentimentos que permeavam após anos de resistências contra a tentativa de apagamento. Os anos de silenciamento foram utilizados para fortalecimento interno. Em agosto de 2014, os Akroá-Gamella fizeram uma autodeclaração pública e durante a assembleia marcaram a sua presença histórica na região, contradizendo todas as narrativas do estado. A partir desse evento, que nas narrativas aparece como retirada da pedra colocada pelo estado e o ressurgimento enquanto povo, iniciam uma nova etapa na história onde realizam uma construção ativa do território através das novas retomadas de terra (ALARCON, 2013).

Entre os anos de 2015 a 2017, começaram um processo de retomadas das terras que estavam sobre posse de não indígenas, ao todo foram 11 retomadas realizadas, que envolviam não só os indígenas, mas toda a classe de seres visíveis e invisíveis no território, principalmente os seres invisíveis chamados de encantados. Agentes de transformação e cura no território, afinal, a presença — dos encantados — garante vitalidade do território através das paisagens livres das grandes degradações ambientais, das áreas que têm plantas curativas usadas na medicina tradicional, bem como da presença desses seres na espiritualidade akroá-gamella. Estes seres que povoam o território em uma dimensão invisível da realidade estavam tendo suas moradas, lugares sagrados para akroá-gamella, destruídos pelas fortes intervenções nas paisagens efetuadas pelas fazendas e setor privado. Com isso, foi iniciada uma série de retomadas de terra que tinham como um de seus argumentos a possibilidade de reencantar o mundo desencantado por interferências dos não indígenas por meio de grandes degradações ambientais, principalmente nos locais sagrados (SLATER, 2001; PEREIRA, 2018) Os seres encantados, no processo dessas retomadas, são grandes protagonistas, afinal, todas as ações de recuperação de terra ocorreram para garantir que a morada dos seres encantados estivesse novamente com seus donos e livre das degradações causadas pelas fazendas.

Daniela Alarcón (2013) afirma que, para o povo Tupinambá da Serra do Padeiro, as retomadas são realizadas devido às alianças com os encantados. Essa mesma aliança, que os motiva a agir contra as degradações territoriais e o esbulho, não difere do que motiva os Akroá-Gamella a retomar. Retomam porque desejam manter o território com suas encantarias e encantados; a terra não existe sem eles, e essa relação com os seres é essencial. De tal intensidade que o território pode ser pensado como uma teia, onde se torna possível haver interação entre seres encantados e seus domínios na paisagem de forma invisível; bem como permite aos Akroá-Gamella se conectarem com os seres encantados e se associarem a uma cartografia sagrada. Os seres e as dimensões interagem por estarem imersos numa espécie de linhas atreladas umas às outras (INGOLD, 2008; INGOLD, 2013). Dessa forma, realizar as retomadas de terra é manter essas conexões com os seres encantados, suas encantarias e a relação com os akroá-gamella.

O desencantamento acentuado, a destruição da morada dos encantados, os fazem migrar para outras regiões. Ao agir nesses espaços sagrados, provocando degradações, afetam diretamente a permanência dos seres encantados no território. Essas moradas sagradas existem no que categorizo como dimensão da realidade, característica de um território multifacetado, dividido em extensões/camadas que determinam uma porção de espaço ocupado, ou seja, em dimensões que podem ser visíveis e invisíveis. Porém, essas dimensões da realidade que compõem o território akroá-gamella são camadas ou extensões tão amalgamadas que por vezes não há como distingui-las. As moradas e os seres encantados povoam as dimensões invisíveis, porém, habitando e estando nessa outra dimensão invisível, as ações reverberam na dimensão visível.

Neste complexo território multifacetado, os seres encantados, ancestralidade compartilhada de todos os akroá-gamella que outrora habitaram a região, se encantaram e agora permeiam a paisagem, estabelecem vínculos que transcendem linhagens biológicas, ancorando-se nas tramas das relações de cuidado. Equiparando-se ao zelo paternal que provê os meios essenciais para o

fortalecimento e crescimento dos filhos, os seres encantados oferecem não apenas proteção, mas também uma forma de sustentar a construção de relações íntimas com os ancestrais vivos e atuantes no presente (INGOLD, 2000).

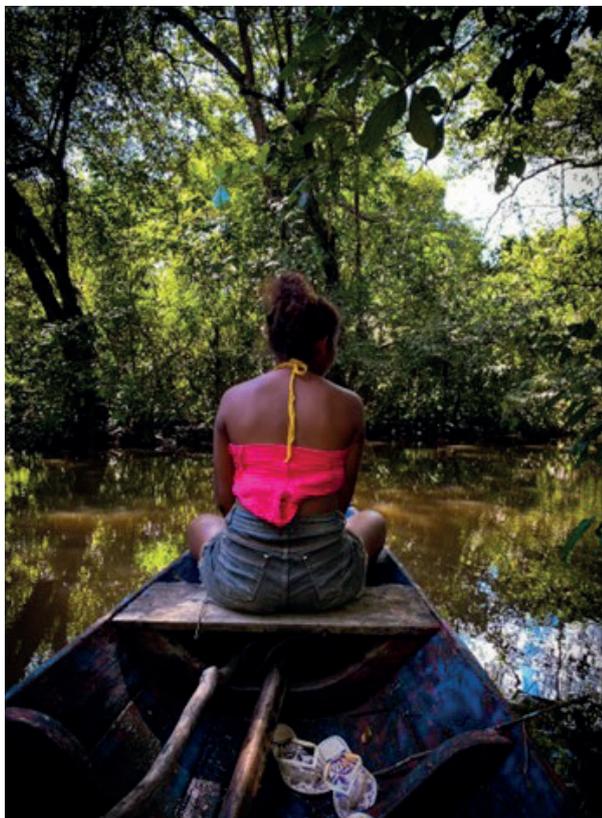
Estes seres, ao evidenciarem sua presença na vida dos indígenas, desafiam a concepção convencional da morte como término definitivo, pois, na perspectiva do encantamento, a existência transcende a fugacidade da forma visível. A efêmera manifestação visível no tempo não implica no fim da existência no mundo; ao contrário, é um processo que delinea uma transição da vitalidade fluida no território. O encantamento, portanto, não configura uma dicotomia entre morte e vida (INGOLD, 2000).

A busca pela resiliência do território emerge da percepção de um espaço que reflexivamente reflete as experiências e edificações culturais de uma sociedade. Isso abarca a totalidade de seres, espíritos, bens, valores, saberes tradicionais, locais sagrados — elementos que garantem coesão e significado à existência de um povo (GALLOIS, 2004; LADEIRA, 2001; BRANCH e SILVA, 1983). Ao pensar as ruínas do território, resultantes das vertiginosas transformações impostas pelas forças não indígenas, os seres encantados emergem nas narrativas como agentes de cura para as ruínas que afligem o território.

Reencantamento e o processo de cura da terra

Os seres encantados emergem nas narrativas como agentes centrais que impulsionam as ações de retomadas para garantir suas moradas. Essas moradas, como mencionado, são lugares sagrados para os Akroá-Gamella, pois são essenciais para a presença dos encantados na região. O povoamento no território reflete a vitalidade da terra, e quando as paisagens são impactadas por intervenções externas, a permanência e a existência dos encantados são ameaçadas, levando, em alguns casos, à migração desses seres para outras áreas. A cada igarapé extinto ou floresta derru-

bada para dar lugar à pastagem, os Akroá-Gamella observam a perda das moradas dos encantados, tanto nas dimensões visíveis quanto invisíveis. Esse processo de perda é algo que será explorado mais detalhadamente a partir de minha chegada ao território.



Fonte: Deanny Lemos, 2024.

Quando cheguei ao território em 2018 e fiquei em uma retomada, fui imersa em um contato intenso com as narrativas que inspiravam as ações de recuperação territorial. Todos os relatos estavam profundamente enraizados na presença dos seres encantados. Nas narrativas, os encantados apareciam de diversas formas: como agentes que impulsionam as ações, como fonte de motivação e como guardiões das vidas dos indígenas durante os atos de retomada.

A retomada Piraí, por exemplo, é historicamente um espaço sagrado para os Akroá-Gamella. O rio que percorre a retomada e uma porção do território é o Rio Piraí, também conhecido como Rio Grande, e é a morada do encantado João Piraí. Durante as encantorias, rituais que envolvem cantos e danças e que atuam como um chamado para que os encantados se façam presentes,

esses seres desempenham um papel central. Esses rituais não apenas invocam a presença dos encantados, mas também promovem a limpeza e o fortalecimento do corpo físico e espiritual.

Em uma das cantigas entoadas nesses rituais, João Piraí é evocado em relação ao rio, ressaltando a profunda conexão e domínio que ele possui sobre essa paisagem (FAUSTO,2008). A cantiga que destaco a seguir evidencia essa relação: “Aê João Piraí, tu é brabo eu sou maroto. Quem manda no rio Grande é tu, não é outro.” Nesse verso, fica clara a maestria de João Piraí sobre o rio, um espaço magnificado que não é apenas físico, mas também espiritual, reforçando a importância do encantado para o território.

João Piraí é um encantado múltiplo e complexo, que surge nas narrativas como dono do rio Piraí, sendo um sapo, um peixe e um homem. Quando rememoro minhas vivências em sua morada que foi retomada, trago rapidamente a cantiga que aprendi: “Ê sarapó, juriandi. Ê matapiri Epó, epó, João Piraí”², e marcou muito minha passagem por sua morada. Anos depois de conhecer essa cantiga, aprendi que matapiri e sarapó são dois peixes que vivem no rio grande. Quando houve o processo de tradução de algumas cantigas para a língua materna que está sendo retomada, traduziram como João Piraí sendo um grande ser que é dono do rio que possui muitos peixes. Em muitas narrativas dizem que João Piraí é o grande protetor do território ou como o encantado que nunca os abandonou mesmo tendo sua morada destruída por um empresário.

² A escrita pode não corresponder a escrita real da cantiga, pois todas as vezes que me apresentavam a cantiga foi de forma oral, porém, trouxe por achar que traz elementos a mais para a trajetória da narrativa que busco compor nesse trabalho.

Imagem 5: Retomada Pirai



Fonte: Deanny Lemos, 2018.

A retomada da morada de João Pirai foi realizada por volta de 2016. A fazenda estava sob a influência de Qenak Serra Costa Júnior, empresário do ramo cerâmico que construiu uma fazenda com alguns açudes para criação de peixes e fazia a retirada do barro, deixando a encosta do rio Pirai totalmente assoreada. Prejudicando a morada do encantado e provocando seu afastamento.

Nas tardes chuvosas na retomada ou nas noites em que estávamos conversando antes de dormir, pude ouvir diversos relatos de como aconteceu a retomada. Afirmavam que os encantados estavam pedindo para a terra ser recuperada, afinal, suas moradas estavam sendo prejudicadas. Passaram um tempo elaborando estratégias de como poderiam concretizar esse sonho coletivo de todos os seres que povoam o território. Em um determinado dia, decidiram ir buscar o que sempre esteve sob o domínio dos encantados. Chegaram pela mata e lentamente foram adentro da casa que tinha na fazenda, demarcando o território com seus pés, surpreenderam os vários jagunços que serviam ao Qenak Junior, retomando o local e afirmando que no dia seguinte deveriam ir embora levando todos os pertences pessoais. Após a ação, a comemoração e alegria embalavam todos os corações que estavam com seus corpos protegidos pelas pinturas, adornos, bordunas e flechas. Além da proteção, os encantados estão direcionando a retomada, plantando no coração de cada akroá-gamella a força, coragem e o sentimento guerreiro de irem guerrear pela terra que pertencia

a ele e seus ancestrais. Bem como diz uma cantiga sagrada e muito entoada no território: “Eu sou um caboco brabo, eu moro no meio do mato. A ê de dia até de noite, eu já conheço o soar. Na minha aldeia, eu ouvi buzinar, eu mandei tocar taboca, fazer chamada, vamos guerrear”. João Piraí é um encantado que sempre me instigou muito, tanto pelas diversas histórias que pude ouvir e constroem de forma significativa cada lembrança que compõe minha passagem pelo território. Também porque morar numa morada de um encantado expõe a relação belicosa, os riscos dos corpos estranhos que chegam em uma terra que passou por tantas guerras e os guerreiros visíveis e invisíveis que fazem a proteção da paisagem.

Enquanto estive em campo em 2018, algumas vezes foi impossível dormir. À noite, em um espaço sozinha, ouvia me chamando, minha rede sendo balançada, mesmo acordada e com a lanterna ligada, ouvia passos ao lado da minha rede. Não tinha ninguém próximo a mim na parte interna da casa, os que dormiam na retomada nos três primeiros dias estavam na parte externa, na varanda que rodeava a casa. Na terceira noite em que aconteciam essas experiências inexplicáveis, chamei Seu Antônio, um dos homens que dormia na varanda da casa. Expliquei a situação e ele começou a rir, disse ser João Piraí, não me deixando dormir, talvez porque quisesse saber quem eu era e o porquê de estar ali. Recordo que estava assustada, mas segui as recomendações de seu Antônio e voltei a dormir, e de forma tímida falei baixinho, pedindo permissão a João Piraí para estar ali. Não sei se funcionou, mas desde então nunca mais fui acordada daquela forma.

No outro dia, assim como em diversos momentos, busquei uma explicação racional para essa experiência, que pode ser gerada pelo afetamento como diz Favret-Saada (2005), e não desconsidero o caso. Todavia, levo dessa experiência o direcionamento para compreender as relações magnificadas (FAUSTO, 2008) dos donos das moradas. Estar na morada de um encantado e ser um corpo estranho povoando uma região marcada pela presença dos ancestrais akroá-gamella, delineia bem a relação belicosa que há nesses espaços sagrados. As perturbações durante as madru-

gadas nos dizem sobre a atuação dos seres na proteção e na defesa do território, e principalmente das moradas, onde há um domínio dos seres encantados. As perturbações à noite eram uma forma de dizer que ele, bem como os outros encantados, também estavam ali na retaguarda do povo.

Buscar a intervenção desses seres na preservação do território proporciona uma entrada às complexas configurações destas alianças, amplificadas por meio de relações magnificadas (FAUSTO, 2008). Esses seres não apenas representam os ancestrais dos akroá-gamella, mas também são os guardiões do território, fundamentando, assim, toda narrativa de retomada e cura assegurada pela preservação e/ou continuidade da vida dos ancestrais no território. Os ancestrais, portanto, não apenas incentivam, mas também instigam as práticas de retomada, pois, sem esses seres, os akroá-gamella enfrentam uma contínua vulnerabilidade. Afinal, a presença dos ancestrais akroá-gamella garante a vitalidade no território e a proteção que eles precisam.

A apreensão das significações que a concepção de território engendra possibilita a percepção das retomadas como um fruto de um conhecimento que se sustenta na cosmografia, composta por saberes de cunho ambiental, ideológico e identitário, erigidos ao longo da história (LITTLE, 2003). Sob essa perspectiva, a ação de “retomar a terra” oferece a perspectiva de reencantar um mundo que, devido às numerosas intervenções dos não indígenas, perdeu seu encanto, sobretudo através de grandes degradações ambientais, especialmente nos locais sagrados (SLATER, 2001; PEREIRA, 2018). Ao longo das narrativas, os seres sagrados, conhecidos como “encantados”, são frequentemente mencionados em conexão com as “retomadas de terra”, pois as áreas recuperadas são seus domínios. Os encantados são descritos como detentores de autoridade sobre os lugares de encantamento e donos dessas áreas (FAUSTO, 2008).

Além disso, as retomadas também visam a erradicar as degradações ambientais infligidas por fazendeiros, uma vez que as paisagens do território são vislumbradas como espaços sagrados, devido ao domínio dos seres encantados sobre essas regiões. Nesse contexto, busca-se emancipar

essas paisagens do ciclo devastador de “geografias do sacrifício”, nas quais o progresso muitas vezes implica na destruição desses ambientes e de seus habitantes (TSING, 2018; 2022).

Por fim, a retomada da terra também almeja garantir a permanência dos seres sagrados no território, pois o afastamento desses seres está intrinsecamente ligado a impactos ambientais severos. Esses seres são os ancestrais akroá-gamella que, após sua passagem para um outro plano da dimensão realidade, continuam a habitar as paisagens. São dotados de poderes curativos, detêm todo o conhecimento e exercem autoridade sobre suas áreas encantadas. Além disso, é fundamental que se mantenha cuidado e respeito ao adentrar as áreas de encantamento, pois o desrespeito às normas de conduta pode resultar em uma punição conhecida como “flechada” – uma flecha invisível que penetra o corpo e causa enfermidades, cujo tratamento só pode ser realizado por um curador, indivíduos de destaque na sociedade akroá-gamella que têm a capacidade de acessar o conhecimento dos encantados por meio da incorporação e das práticas de cura mediante rezas.

Nesse contexto, quando se discute a retomada de terra entre os akroá-gamella, os seres encantados emergem como agentes políticos dessa ação (RAPPAPORT, 2000; DE LA CADENA, 2015, 2018, 2019), interferindo no curso da história. Isso fica evidente em uma história registrada na qual os encantados “confundiram a cabeça” de seus parentes, levando-os a se perderem na mata quando fugiam de seu território devido a um ataque a tiros por parte de invasores em 2017. A ação dos encantados acabou por salvar essas pessoas, uma vez que, se tivessem seguido o caminho correto, teriam sido emboscadas e provavelmente mortas.

Ao se afirmar que os “encantados nos confundiram para nos proteger”, é ressaltada a participação ativa desses seres encantados no ambiente circundante. Ao perceberem o potencial agravamento da situação, eles induziram os indígenas ao desconcerto na mata, uma medida que os forçou a buscar uma rota alternativa para retornar à retomada Piraí. A própria motivação dos encantados em reocupar suas moradas reforça a concepção de entidades dinâmicas e interativas, cuja relação

com o território e seus habitantes é marcada por uma profunda reciprocidade. Ao demandar a recuperação de seus espaços diante da iminente ameaça de destruição, esses seres exercem uma influência significativa sobre o padrão de interações com os indígenas, moldando assim a dinâmica do ambiente compartilhado.

Observo as iniciativas de recuperação e o território como uma vasta *assembleia polifônica* (TSING, 2022), evidenciando a compreensão de que “fazer mundos não se restringe aos humanos” (TSING, 2022, p. 66). Em outras palavras, trata-se de uma convergência de projetos de criação de mundo concebidos tanto por seres humanos quanto não humanos, entrelaçando-se. As iniciativas de recuperação representam essas estratégias/projetos que são concebidos por todos os seres que habitam o território, uma colaboração entre todos os seres para que se possam transformar esses espaços em ruínas em locais reencantados. Desta forma, promovendo a cura dos males que os impactos ambientais causaram.

Considerações finais

Os espaços retomados, que eram paisagens arrasadas onde se reuniam vidas de seres e indígenas impactadas por perturbações radicais feitas por empresas e grandes empreendimentos (TSING, 2018; 2022), voltam a ser povoados pelos seres que vivem nesses espaços, além de também serem utilizados para fortalecimento da coletividade – algumas retomadas foram utilizadas para criação de roças coletivas, casa redonda-local onde acontecem as reuniões gerais do território e cozinhas coletivas. O espaço volta a refletir a indigeneidade através da recuperação tanto ligada às questões ecológicas, como ao fortalecimento dessas relações que foram enfraquecidas, principalmente no que diz respeito sobre os seres encantados que vivem de forma visível ou invisível paisagens (BALÉE, 2008).

O processo de cura dos espaços se inicia no momento da retomada, quando esses lugares,

amplamente considerados sagrados por serem a morada dos ancestrais akroá-gamella, passam por uma sequência de ações até alcançarem a plenitude da cura. Inicialmente, todos os espaços retomados recebem novos nomes que se conectam aos rios ou aos seres encantados que habitam essas regiões. Essa prática delinea um processo de purificação, extinguindo qualquer vínculo nominal anterior com os fazendeiros que deixaram a terra em estado de ruína. Em etapas subsequentes, esses espaços são utilizados de maneira coletiva por todos os seres, visíveis e invisíveis, permitindo a construção de casas, roças coletivas e locais de reunião.

Nesse contexto, a paisagem entra em um período de “descanso”, necessitando recuperar-se dos danos causados pelas atividades das fazendas. Normalmente, as comunidades optam por deixar as plantas regenerarem naturalmente esses espaços, destacando o orgulho na referência aos locais sagrados que, outrora, eram repletos por extensos campos de ervas medicinais ou lagoas repletas de flores e frutas que surgiam espontaneamente, sem intervenção humana. Dessa forma, essa paisagem adquire um caráter encantado, abrigando uma coexistência harmoniosa entre seres visíveis-plantas, animais, rios e terra- e seres invisíveis-encantados.

O território, em tempos pretéritos, era visto como uma “geografia do sacrifício”, um espaço suscetível à expropriação e exploração. À medida que essas áreas passavam pelo processo de desencantamento, devido às mudanças na paisagem que afetavam a vida de todos os seres, incluindo os ancestrais akroá-gamella que habitavam essas terras, esses seres passaram a migrar para outras regiões. O processo de reencantamento dessas áreas está intimamente ligado ao retorno dos seres para povoar o território, mas também é delineado pela notável regeneração das plantas na paisagem, seja através do florescimento de árvores frutíferas, das ervas medicinais ou das áreas de cultivo.

Isso contrasta vividamente com uma paisagem que, em um passado recente, fôra degradada para a criação de pastagens para o gado, extração de madeira, construção das instalações

das fazendas, criação de açudes para a piscicultura e desmatamento das encostas dos rios para empreendimentos diversos. Hoje, o território se transforma em um reflexo da vida à medida que as plantas ganham espaço e ressurgem. As comunidades expressam com orgulho as áreas que foram retomadas e que agora exibem uma vegetação, ao mesmo tempo em que preservam os cursos dos rios, mantendo-os resguardados da exploração desenfreada. Este processo de ressurgimento e regeneração da paisagem não só representa uma reversão do desencantamento, mas também reflete um compromisso com a coexistência de vários seres e outras relações com as paisagens.

Referências bibliográficas

ALARCON, Daniela Fernandes. *O retorno da terra: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia*. 2013. Diss. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais). Brasília: Universidade de Brasília, 2013.

ANDRADE, Maristela de Paula. *Terra de Índio: identidade étnica e conflito em terras de uso comum*. São Luís: UFMA, 1999.

ARRUTI, José Maurício Andion. *O reencantamento do mundo: trama histórica e arranjos territoriais Pankararu*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1996.

BALÉE, William. Sobre a indigeneidade das paisagens. In: *Revista de Arqueologia*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 9-23, 2008.

BRANCH, Lyn C.; SILVA, Marlene F. da. Folk medicine of Alter do chão, Pará, Brazil. *Acta Amazonica*, 1983, 13.5-6: 737-797.

DE LA CADENA, Marisol. *Earth beings: Ecologies of practice across Andean worlds*. Duke: University Press, 2015.

DE LA CADENA, Marisol. Natureza incomum: histórias do antrope-cego. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*. 2018. pp. 95-117.

DE LA CADENA, Marisol. Cosmopolítica indígena nos Andes: reflexões conceituais para além da “política”. *Maloca: Revista de Estudos Indígenas*, 2019, 2: e019011-e019011.

FAUSTO, Carlos. Donos demais: maestria e domínio na Amazônia. *Mana*: Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 329-366, 2008.

FAVRET-SAADA J., & Siqueira, P. “Ser afetado”, de Jeanne Favret-Saada. *Cadernos De Campo*: São Paulo, v13, n.13, 155-161, 2005. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v13i13p155-161>

GALLOIS, Dominique Tilkin. “Terras ocupadas? Territórios? Territorialidades?”. In: RICARDO, Fany (org.). *Terras Indígenas e Unidades de Conservação da natureza: O desafio das sobreposições*. São Paulo: Instituto Socioambiental, 2004, pp. 37-41.

INGOLD, TIM (2000). Ancestry, generation, substance, memory, land. In: INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment Essays on livelihood, dwelling and skill*. Londres: Routledge, 2000. pp. 131-151.

INGOLD, Tim. Quando a ANT encontra a ARANHA: Teoria social para artrópodes. Agência material: rumo a uma abordagem não antropocêntrica, p. 209-215, 2008

INGOLD, Tim. Repensando o animado, reanimando o pensamento. Espaço Ameríndio, v. 7, n. 2, p. 10-10, 2013

LADEIRA, M. Inês. *Espaço geográfico Guarani-Mbyá: significado, constituição e uso*. Tese (Doutorado em Geografia). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.

LEMOS, Deanny. *Terra encantada: caminhos, mundos e conexões com o sagrado entre os akroá-gamella, Maranhão*. Dissertação (mestrado em antropologia). Teresina: Universidade Federal do Piauí, 2021.

LEMOS, D. S. Território akroá-gamella: teia de conexões entre os indígenas e os seres encantados. *Maloca: Revista de Estudos Indígenas*, Campinas, SP, v. 4, n. 00, p. e021018, 2021.

LITTLE, Paul. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. *Anuário antropológico*, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2003.

MARANHÃO. Lei Nº 2.968 de 17 de junho de 1969

PEREIRA, Ricardo Neves Romcy. *Os verdadeiros donos da terra: paisagem e transformação no baixo Tapajós*. Tese (Doutorado em Antropologia) Brasília: Universidade de Brasília, 2018.

RAPPAPORT, Joanne. *La Política de la Memoria. Interpretación Indígena de la Historia en los Andes Colombianos*. Popayán: Editorial Universidad del Cauca-Serie Estudios Sociales, 2000. Traducción de José Ramón Martín. Pp:260

TSING, Anna Lowenhaupt. Paisagens arruinadas (e a delicada arte de coletar cogumelos). Traduzido por Filipi Pompeu e Mariana Canazaro Coutinho. In: *Cadernos do Lepaarq. Pelotas*: v. XV, n.30, p. 366-382, Jul-Dez. 2018.

TSING, Anna. *O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo*. São Paulo: n-1 edições, 2022.